

BOLETIM
DE
ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM
DE
ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA
DA
REAL ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO IX - 4.^a SÉRIE - N.º 10



LISBOA
—
Typ. Lallemand
R. Antonio Maria Cardoso,

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão de Assembléa Geral em 9 de Junho de 1903.

A's 9 horas da noite foi aberta a sessão, presidindo o sr. Mendes-Guerreiro; secretariado por Mena Junior e Victor Ribeiro, achando-se presentes os socios srs. Gabriel Pereira, O'Sullivan, Silva Leal, Rosendo Carvalheira, Ernesto da Silva e Rodrigues Fernandes.

Foi lida a acta da sessão anterior e approvada, e logo depois a correspondencia seguinte:

Convite da Sociedade de Geographia para a sessão solemne consagrada a Barbosa du Bocage; officio de A. Barbièr, thesoureiro do congresso de Poitiers; dito do Director Geral da Secretaria da Marinha offerecendo um capitel achado nas dragagens do rio, em frente do Arsenal, o qual já deu entrada no Museu, resolvendo-se agradecer; officio do prof. Wiedmann agradecendo a sua eleição de socio correspondente; officio do *American Institute of Architects* agradecendo publicações que lhe foram enviadas; officio do socio Leopoldo Mauritty dando a sua demissão de socio, a qual foi acceite com pezar; officio do 1.º Secretario sr. Rocha Dias agradecendo muito penhorado os votos que a Associação em sessão de 18 de abril ultimo lhe manifestára pelas melhoras de sua esposa.

Do sr. dr. Sousa Viterbo recebeu-se a recente publicação *Noticia de alguns pintores portuguezes*, a qual se agradece em officio; do sr. Agapito y Revilla, architecto de Valladolid, interessantes monographias sobre monumentos artisticos d'aquella cidade, e o Bulletin da *Sociedad Castellana de Excursiones*, pedindo a troca com o da Associação.

Da testamenteira de Joaquim José da Nova leram-se cartas propondo o modo de remetter a importancia do legado, liquido de 32\$130 réis de contribuição de registo e reduzido portanto a réis 167\$870. Deliberou-se responder pedindo a remessa contra recibo.

O socio Ernesto da Maia participa ausentar-se para Lourenço Marques. Deliberou-se que fique na categoria de socio effectivo, ausente, dispensado das quotas.

O sr. Rosendo Carvalho propõe para socio correspondente o sr. dr. José Osorio da Gama e Castro, auctor da excellente memoria *A Diocese e Districto da Guarda*, sendo eleito desde logo.

O sr. Mena propõe voto de congratulação pelo restabelecimento do sr. Rosendo Carvalho, a qual foi votado por aclamação.

O sr. Ernesto da Silva propõe um voto de congratulação a El-Rei, do seguinte teor:

Tendo Sua Majestade El-Rei nosso Augusto Presidente, seguindo o exemplo de seu Augusto Avô Sua Majestade El-Rei O Senhor D. Fernando, de Saudosa Memoria, Primeiro Presidente da nossa Real Associação, adquirido o Edificio historico da Bacalhôa, salvando assim da ruina o que ainda existe d'aquella antiga construcção: esta Real Associação muito respeitosamente se congratula com Sua Majestade El-Rei por mais este importante serviço prestado á Archeologia Nacional, e lança na acta de hoje um voto de bem merecido louvôr.

Sala das Sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, no Museu do Carmo em Lisboa, 9 de Junho de 1903.

O socio effectivo — *Ernesto da Silva*

Foi approvedo por aclamação.

O sr. Presidente participa com pesar o fallecimento dos dois socios srs. Antonio Augusto Teixeira de Aragão e Visconde de Mason de S. Domingos, elogiando os relevantes serviços que prestaram á sciencia e á industria nacional, bem como á Associação de que eram prestimosos socios.

O sr. Mena Junior fez a leitura de uma memoria ácerca de um esboço inedito de Vieira Lusitano, que apresentou, e que representa o retrato de Cardeal Patriarcha D. Thomaz de Almeida. Esta leitura foi muito bem recebida.

A seguir o vice-secretario Victor Ribeiro leu um artigo intitulado *Garrett e a archeologia portugueza*, ácerca do qual os srs. Presidente e Gabriel Pereira fizeram interessantes commentarios, propondo que fosse publicado no Boletim da Associação.

O sr. Mena leu depois outra memoria ácerca da columna de pedra lavrada, que se ergue na praça de Cintra, ácerca da qual fizeram varias considerações os srs. Gabriel Pereira e Rosendo Carvalheira.

O sr. Carvalheira termina por annunciar á assembléa que vae ser brevemente resolvida por um contracto, que se deve lavrar entre o Presidente da Associação e o sr. Raul Mesnier, engenheiro dos Ascensores, a questão da servidão do terreno adjacente ao edificio e da porta lateral. Lembra os bons serviços que tem prestado a este fim o mesmo sr. engenheiro Mesnier e a Camara Municipal, por intermedio do seu engenheiro sr. Avellar e architecto sr. Monteiro. Acaba pedindo a conclusão das obras do edificio do Carmo.

Encerrou-se a sessão ás 11 e meia da noite.

O Vice - Secretario

Victor Maximiano Ribeiro

GARRETT

E A

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

**Leitura feita em sessão de assembléa geral da Real
Associação dos Architectos e Archeologos Por-
tuguezes, na noite de 9 de junho de 1903, com-
memorando a solemnidade da trasladação dos
restos do Poeta para o Pantheon Nacional dos
Jeronymos.**

(Conclusão do numero antecedente)

Por toda a parte Garrett affirmou o amor e a amizade que os estudos archeologicos lhe mereciam. Noutra nota (a nota A ao Canto VII do *Camões*) bem claro mostra a intuição dos modernos processos de investigação e de estudo da historia, quando nos diz que da attenta observação dos castellos mouriscos coroando os montes, e dos paços, mosteiros e choupanas esparsos pelas abas da serra, ao longo do valle, se infere a organização egalitaria de — « uma velha raça exclusiva de trabalhadores no alheio » — e conclue : — « O estudo das artes é de mais auxilio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho. »

Os monumentos prehistoricos, que ao seu tempo não estavam definidos e descriptos, e aos quaes se ligavam tradições diversas, chamaram egualmente a attenção d'este emerito observador; nada escapava ao seu olhar; era immenso o ambito que abarcava aquelle espirito privilegiado. Aos *dolmens* da serra de Cintra se refere no mesmo poema, dizendo :

Arabe é todo
O aspecto que estás vendo. Mas attenta
Ahi nessas quebradas menos duras
Como a pique se tem negro, inteiriço
Celtico dolmin recordando o culto
do sangrento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes lusitanos... (8)
.....
..... Das fabricas dos homens
morredouras como elle — estas resistem
mais que nenhuma ao minar do tempo. (9)

No Porto sua patria, ainda a mesma indignação lhe provoca os periodos de sentido archeologo com que enceta o lindissimo romance historico *O Arco de Sant'Anna* :

« Falta-te, é verdade, ó nobre e historica rua de Sant'Anna, falta-te já aquelle teu respeitavel e devoto arco, precioso monumento da religião de nossos antepassados, e que, certo é, mais te vedava a pouca luz do ceu material que tuas angustas dimensões deixam penetrar, mas era elle, em si mesmo, fôco da espiritual luz de devoção que ardia no bemdito nicho consagrado á gloriosa santa de teu nome.

« Cahiste pois tu, ó arco de Sant'Anna, como em nossos tristes e minguidos dias, vae cabindo quanto ha nobre e antigo ás mãos de innovadores plebeus, para quem nobiliarchias são chimeras, e os veneraveis caractéres heraldicos de rei d'armas Portugal lingua morta, e esquecida que nossa ignorancia despreza, hieroglyphicos da terra dos Pharaós antes de descoberta a inscripção de Da-

(8) Canto IX, pag. 149.

(9) Id. — pag. 150

mieta! Assentaram os miseraveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de immundicie menos, em rua já de si tam escura e mal enchuta, era preferivel á conservação d'aquelle monumento em todos os sentidos respeitavel!

« Com que desapontamento deste meu coração, depois de tantos annos de ausencia, não andei procurando, em vão! na rua de Sant'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco? e a alampada que lhe ardia continua, e os milagres de cera que lhe pendiam á roda, e toda aquella associação de cousas, que me trazia á memoria os felizes dias de minha descuidada meninice! » (¹⁰)

No *Alfageme* põe na bocca das suas personagens palavras apaixonadas, quando nos fala no vetusto e historico monumento da Flôr da Rosa.

O monumento gothico do Carmo, sob cujas abobadas, por mercê de bem entendido e abençoado decreto regio, a benemerita Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes logrou estabelecer a sua sêde e os seus museus, deve-lhe phrases de grande amor, que nesta occasião é altamente significativo lembrar.

Foi Garrett quem talvez primeiro advogou na opinião publica a idéa de se conceder o arruinado edificio do Carmo, á guarda zelosa dos archeologos portuguezes, dizendo, entre profusas e entusiasticas phrases ácerca dos Jeronymos, o seguinte:

« Mais outro capitulo de accusação contra o nosso beduino thesouro. A egreja do Carmo, de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim dito), aluga-se todos os annos por não sei quanto; e *aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar* arrendam-se, etc. » (¹¹)

(¹⁰) *Arco de Sant'Anna*, pag. 1.

(¹¹) *Camões*, notas

Não param ainda por aqui as relações intimas que prendem o nome de Garrett á historia da archeologia nacional. Não existia ainda no seu tempo a *Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*. Uma outra houve, porém, fundada em 1849, e digna antecessora d'esta. Quero referir-me á *Sociedade Archeologica Lusitana*, fundada por diligências do fallecido antiquario, o conego Manuel da Gama Xaro e de varios setubalenses, sob a protecção de el-rei D. Fernando, com o fim principal de explorar as excavações nas ruinas romanas da antiga *Cetobriga*, hoje areias de Troia, em frente da formosa e historica cidade Sadina. ⁽¹²⁾

Almeida Garrett foi socio desta prestimosa aggremação scientifica, desastrosamente extincta em 1868, depois de ter prestado ao paiz e á sciencia os mais relevantes serviços.

*

* *

Importa ainda relembrar nas obras de Garrett as que mais directamente se prendem com a feição que nelle estamos estudando, no que respeita á sua predilecção pelos estudos ethno-

(12) Esta *Sociedade Archeologica Lusitana*, inaugurada em 9 de novembro de 1849, teve a sua derradeira reunião em 4 de outubro de 1857, depois da qual se extinguiu por falta de recursos, tendo exgotado numas excavações realizadas em Troia o peculio que conseguira obter. Existem no Archivo da Real Associação dos Architectos e Archeologos muitos e interessantes officios e cartas, relativos aos trabalhos desta prestimosa Associação, a cujos serviços e desventuras se referem varios artigos insertos no *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos*, e no *Archeologo Português*. Segundo amavelmente referiu o meu illustre consocio sr. Gabriel Pereira, após a leitura deste artigo, como interessante nota ao que acaba de ler-se, ainda não ha muitos annos conheceu elle em Lisboa os dois ultimos representantes desta veneranda aggremação scientifica. Eram o medico da Companhia dos Caminhos de Ferro, dr. Domingos Garcia Perez, que fôra o ultimo vice-presidente da *Sociedade Archeologica*, e João Carlos de Almeida Carvalho, que della fôra o secretario e conservava em seu poder apontamentos e noticias relativos a Cetobriga, tendo em preparação uma memoria ácerca de Troia (publicada no nosso *Boletim*) e uma noticia historica da Sociedade. Isto consta de um officio do sr. Jorge Torlades O'Neill, de 28 de novembro de 1864, existente no nosso archivo.

graphicos, pelo das tradições locais, pela colheita das canções e trovas populares, tão características e instructivas, e ainda no culto que professava pela arte, predilecção e culto que poz em relevo no seu bello poema o *Retrato de Venus*, bem como na breve noticia sobre a *Historia da Pintura*, que o segue, a titulo de elucidação do poemeto.

Do gosto pelo estudo dos costumes, das tradições, das trovas e dos cantares do povo portuguez dão-nos bem demonstrativas provas innumeras passagens dos seus livros, que ocioso e prolixo seria citar, especialmente a narrativa da formosa lenda de Santa Iria, de Santarem, nas *Viagens da minha terra*, e mais do que tudo o *Romanceiro*, onde recolheu, dando-lhe, é certo, forma culta, os mais bellos romances populares de Portugal, constituindo um precioso repositório, que serviu de incentivo e ponto de partida aos estudos *folkloristicos*. Pode portanto considerar-se Garrett o verdadeiro iniciador das preciosas collecções, feitas no decurso do seculo findo, de todos os romances, lendas, modas, estribilhos, proverbios, cantigas, rimas e contos populares, mina riquissima sob o ponto de vista multiplice da linguagem, dos costumes e das tradições nacionaes.

Na *Historia da Pintura*, Garrett adverte que no que toca a esta manifestação da arte em Portugal, julga ser util á nação dando-lhe o que ella não tinha (como ainda hoje, mais de meio seculo decorrido, não tem) — a nota critica dos seus pintores, e exprime o desejo vehemente de que, entre os leitores, haja dois ao menos, em quem — « faça impressão o amor das boas artes e da patria, que toda a obra respira. »

De facto este seu amor pela arte, por essa universal manifestação do genio do homem, emparceirava-se sempre indissolavelmente com o amor patrio.

Leia-se a evocação á pintura nacional, de cuja nebulosa e mal conhecida historia elle sonhou, nos seus devaneios rapidos de artista, lançar os primeiros lineamentos. Depois, outros lidadores da penna viriam completar o esboço que Garrett traçou nas suas linhas geraes, com mão segura e arrojada. Exclamava elle :

10

Ah! volve os olhos immortaes, divinos,
 Aos seculos remotos; vê no Tejo
 Como entre as sombras da ignorancia Gothica
 Brilham nas trevas Lusitanas tintas;
 Vê do gran Manuel na epocha d'ouro
 Sobre as bellas irmãs como se eleva
 A divinal pintura.....

 Como á porfia sobre o Tejo e Douro
 Apelles mil e mil revivem, fulgem;
 Brilha o Luso pincel (13)

Tal foi, n'uma rapidissima synthese, a influencia enorme exercida por aquelle ingente litterato na historia e desenvolvimento da arte e da archeologia portuguezas!

A Arte recebeu de Garrett o mais colossal impulso. A Poesia appareceu em novos moldes, manejada com estro genial; a Pintura recebeu do poeta uma consagração: Garrett ergueu-lhe um altar e iniciou-lhe o culto; sonhou traçar-lhe a trajetoria percorrida, e memorar os nomes mal conhecidos dos mestres a quem se devem tantos primores, pintados quer na taboa quer na tela, e esparsos por egrejas, mosteiros, capellas e palacios.

Os artistas levantaram-lhe um busto no atrio do theatro nacional; o povo portuguez ergueu-lhe um templo no seu coração; os politicos conservam da sua correcta e elegantissima eloquencia parlamentar memoria inolvidavel; os poetas e os homens de lettras aggregaram-se, invocando para égide o seu nome glorioso, e levaram-o em triumpho para o pantheon, pelo qual Garrett tanto propugnou para os heroes da patria.

Devem tambem tributar-lhe merecida palma, justo agradecimento, as sociedades archeologicas do paiz, porque elle foi, de todo o seu coração, um apaixonado e ardente archeologo artista, poeta da arte e das tradições populares portuguezas.

Era indispensavel. julguei eu, que correspondendo gostosamente ao patriotico appêlo da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, echoasse n'esta Associação dos Architectos e Archeolo-

(13) *Retrato de Venus*, pag 42.

gos Portuguezes, — que deve considerar-se a legitima representante e propugnadora das sciencias archeologicas, historicas e ethnographicas, e que tomou sobre seus hombros o espinhoso encargo de estudar e promover a conservação e o culto da arte antiga, — era indispensavel, repito, que echoasse uma nota singela de reconhecimento e se prestasse a devida homenagem áquelle que tanto honrou a Arte, que tão extraordinario e fecundo amor lhe tributou!

Ao apaixonado e ardente archeologo artista, ao poeta da arte e das tradições populares consagremos o nosso preito e a nossa saudade!

3 de maio de 1903.

Victor Ribeiro.

Trabalhos archeologicos — Uma portaria importante — Estudos e classificações

(Trecho de uma carta de Diu) (*)

Diu, 25 de agosto. — Com tão justo como louvavel empenho, o governo d'este estado continúa envidando o melhor dos seus esforços na obra de se tornarem praticamente effectivos os estudos da commissão archeologica, da qual démos conhecimento aos nossos leitores em uma das nossas cartas anteriores (**) e n'esse sentido acaba de estabelecer as bases que venham a servir de norma aos trabalhos d'aquella commissão que, sabemol-o de boa fonte, a seu turno se esforça por satisfazer cabalmente aos intuitos da respectiva criação, obedecendo a uma orientação rigorosamente scientifica, e sendo composta como é, de cavalheiros de reconhecido merito e valor. Sem exagero e com a mais absoluta justiça: a portaria provincial n.º 203 de 11 de agosto ultimo, pode considerar-se talvez a unica medida de salvação, que por estes ultimos dez a quinze annes, se tem outhorgado em beneficio de tantos e tão preciosos monumentos archeologicos, historicos e architectonicos, que encerra a India Portuguesa.

O estudo e a classificação d'esses monumentos, que são ain-

(*) Publicada no *Diario de Noticias* de 19 de Setembro de 1903.

(**) Vej. *Boletim*, tom. ix, n.º 7, pag. 22.

da o nosso mais legitimo orgulho, estão ahí nitidamente definidos e assignalados.

Sob a designação «monumentos da India», aquelle valioso diploma official não sómente manda comprehender as fortificações, edificios, vestigios de povoados, muros, ruas, largos, armas, moedas, estatuae, etc., mas até fal-as estender aos monumentos coévos da supremacia portugueza no Oriente, e aos que por ventura ainda existam nos principaes centros dos nossos primitivos dominios.

Como se vê, a seara servida por taes obreiros, vem promettendo amplas messes, que todos iremos saborear na annunciada revista — «O Oriente Portuguez» — Revista da commissão archeologica da India portugueza, que em breve se espera, e que oxalá se não faça demorar.

Diogo d'Anaya

Casa dos Vinte e Quatro

(*Decreto da sua extinção*)

Não se coadunando com os principios da Carta Constitucional da monarchia, base em que devem assentar todas as disposições legislativas, a instituição do juiz e procuradores do povo, mestres, casa dos vinte e quatro, e classificação dos differentes gremios; outros tantos estorvos á industria nacional, que para medrar muito carece da liberdade que a desenvolva, e da protecção que a defenda: hei por bem, em nome da rainha, declarar o seguinte:

Art. 1.º — Ficam extinctos os logares de juiz, e procuradores do povo, mestres, casa dos vinte e quatro, e os gremios dos differentes officios.

Art. 2.º — As camaras municipaes darão as providencias que julgarem mais acertadas para se levar a effeito o disposto no art. 1.º sem inconveniente do serviço publico. E se algumas d'essas providencias excederem suas attribuições, me consultarão para as tomar na consideração que merecerem.

Art. 3.º — Ficam revogadas todas as leis em contrario, como se d'ellas fizesse expressa e declarada menção. O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Ramalhão, em 7 de Maio de 1834. **D. Pedro**, Duque de Bragança. — *Bento Pereira do Carmo.*

A JANELLA DA SALA DO CAPITULO

no convento de Christo em Thomar

« E' a obra mais eloquentê, mais convicta, mais poetica, mais entusiasticamente patriotica, mais estremecidamente portugueza, que jámais realisou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra.

« Na ornamentação d'essa janella, em que, juntamente com o sentimento mais entranhado das energias da natureza, rebenta, palpita e brada, em torno da idéa christã, todo o sagrado pantheismo das velhas religiões da India, conjugam-se, n'uma gloriosa harmonia de antiphona a toda a voz, acompanhada ao orgão, no deslumbramento dos cirios, no aroma das assucenas, no fumo dos thuribulos doirado pelo sol, os elementos decorativos do symbolismo mais poderoso, da suggestão mais profunda. O artista, em plena posse da sua idéa, em completa independencia do seu espirito, em inteira liberdade dos seus meios de execução, desdiz todos os votos, abjura todos os principios, renega todos os canones, infringe todas as regras, e prescinde de todo o applauso dos mestres, sufocando nas entranhas da sua propria vaidade a opinião de si mesmo, unicamente porque tem fé na verdade que enuncia, porque concentrou toda a força da sua alma, toda a energia de seu cerebro, toda a paixão do seu sangue, no amor da obra em que elle representa o pensamento que o domina. E em torno d'elle e d'esse objecto amado, como em torno de todos os que verdadeiramente amam, tudo mais na terra acabou e desapareceu.

« As columnas na janella da sala do capitulo são polipeiros de coral, dos mais profundos recifes do Oceano, e troncos d'essa

palmeira, cuja sombra cobriu o berço da civilisação no litoral mediterraneo, providencia dos peregrinos nos oasis do deserto, á qual os arabes da Peninsula dedicavam uma festa de primavera, tendo por fundamento a disseminação do polen — a arvore santa, a arvore da Biblia, a arvore de Jesus, cujo ramo symbolico é um attributo da paixão e da paschoa, da gloria e do martyrio. Os demais elementos decorativos são as ondas do mar, taes como ellas se representam na heraldica; são os troncos seculares e as raizes profundas dos sobreiros dos nossos montes, extrema expressão de força na fecundidade da seiva, que prende o roble, assim como a tradição e a familia prendem a debil e errante creatura humana ao coração da terra em que nasceu. Guizeiras, como as das mulas de tiro engatadas á carreta alemtejana, emmolham contorcidas varas de sobro e de azinho, como nos feixes de lictor da magistratura romana. Solidas correntes e possantes cabos de bordo, de que pendem em discos as boias de cortiça enlaçam a decoração, amarrando-a vigorosamente á empena por fortes argolões, como se amarraria uma nau ao caes de um porto. Toda a composição, partindo das espadas de um homem, que parece sustentar-lhe todo o peso, ascende n'uma trepidação de algas e de folhagens para a cruz de Christo entre as espheras que tomára por empresa o rei venturoso de Portugal triumphante na vastidão dos mares, em todo o circuito do globo. E o poema esculptural remata por cima da janella na rosacea magestosa do templo, formada em circulo pelas pregas e pelo bolso arfante da yela rizada de um galeão da India.

Ramalho Ortigão. — *O cullo da arte em Portugal.*

Cartas ineditas de El-Rei *D. Pedro V*

PUBLICADAS POR ERNESTO LOUREIRO

*Offerta por intermedio do Ex^{mo} Sr. Visconde da
Torre da Murta*

Meu prezado amigo : — Desejando offerecer á Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes um exemplar do livro, que acabo de publicar, contendo trinta cartas ineditas dirigidas por El-Rei D. Pedro V a meu tio, o Marechal de Campo José Jorge Loureiro; e bem assim um estudo meu ácerca da psychologia d'aquelle monarcha de saudosa memoria, é a V. Ex.^a, como digno bibliothecario d'aquella benemerita associação, que me dirijo para o indicado fim.

Creio que aquellas preciosas cartas são documentos valiosos para corrigir erros historicos, que tem sido proclamados ex-cathedra por audaciosos *parvenus* das letras, e acolhidos com o applauso inconsciente da incommensuravel maioria, sem que até hoje hajam sido refutados. Em parte alguma pois me parece que terá melhor cabimento o citado livro do que na digna associação de que V. Ex.^a faz parte, entre cujos fins se encontra o nobre sentimento de estabelecer em bases scientificas a verdade do antigo, que pôde servir de ensinamento no presente e no futuro.

E' seguida a publicação das cartas de D. Pedro por uma tentativa

psychologica, em que tenho principalmente por fim divulgar um methodo geralmente desconhecido entre nós; fundado na psychologia ingleza; e que dispensa inteiramente para o estudo da mentalidade humana a escolastica medieval, metaphysica e animica, diluida no kantismo allemão, e no eclectismo francez, em que officialmente vivemos ainda hoje no seculo do automovel!

Quando mesmo eu haja errado, o que é muito possivel, na interpretação que dei á personalidade de D. Pedro V, restar-me-ha a satisfação, perdoe-me V. Ex.^a a immodestia, de ser o vulgarizador em Portugal d'aquelle methodo intuitivo, claro, simples, e sobretudo, baseado n'uma theoria scientifica até hoje nunca seriamente contraditada, e que se estriba na experiencia e na observação, as quaes são os solidos alicerces de todo o verdadeiro conhecimento; — bem entendido — dando-lhe o desconto da relatividade e imperfeição inseparaveis de todas as lucubrações humanas.

Com a maior estima e consideração me subscrevo De V. Ex.^a
Creado e am.^o m.^{to} grato e dedicado. — *Ernesto Loureiro*. — Lisboa, 14 de Junho de 1903.

Noticia descriptiva e historica da cidade de Thomar

por João Maria de Sousa

De outra carta que o sr. Ernesto Loureiro dirigiu ao sr. Visconde da Torre Murta, pedimos a este nosso distincto consocio a devida auctorisação para extractar os seguintes periodos de honrosa apreciação.

« E' com o maior prazer que hoje envio a V. Ex.^a a fim de se dignar apresental-o á benemerita Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, de que V. Ex.^a é muito illustre membro, um novo livro, que acaba de sahir a lume com o título de « Noticia descriptiva e historica da cidade de Thomar » por João Maria de Sousa. O seu auctor, nosso velho amigo, distincto e eradito medico, deu-me este honroso encargo, quando ha pouco regressei d'aquella cidade. Não quiz, porém, desempenhar-me d'elle, sem previamente haver lido aquelle trabalho, que havia muito eu ansiosamente esperava e que excedeu a minha expectativa.

« Foi o doutor João Maria de Sousa um distincto alumno da Universidade de Coimbra, como V. Ex.^a sabe, e que pela sua brilhante clinica tem honrado a nobre cidade de Thomar, que lhe foi berço; e egualando os seus altos dotes intellectuaes, possui um caracter de extraordinaria seriedade e benevolencia. O seu trabalho é o primeiro estudo serio, que se tem feito ácerca da archeologia de Thomar, que, como V. Ex.^a tambem muito bem sabe, possui riquissimos monumentos e tem uma rica historia. Não ha, porém, ali archivos a consultar, nem bibliothecas, onde

ainda hoje repousam preciosos codices, que nos tempos modernos jámais foram abertos pelo abençoado alfofre de historiadores que temos tido. Aquella deficiencia de elementos de estudo ainda mais exalta e encarece o trabalho do nosso velho amigo, trabalho que é feito sobre o terreno, interpretando velhas inscrições romanas, que jámais haviam sido estudadas, e dando nova interpretação á destruição da Nabancia, e tambem á origem do famoso claustro devido a Torralva, que abrilhanta aquelle extraordinario museu de arte e riquissimo repositorio de monumentos archeologicos, que se chama o Convento de Christo. »

Lisboa, 13 de Outubro de 1903

A Cruz de Villar de Frades

Ministerio do Reino. — Direcção Geral de Instrucção
Publica. — 3.^a Repartição. — L.^o 60; N.^o 122.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. — Em officio de 27 de Fevereiro ultimo representava essa associação a esta Secretaria de Estado para que se sobrestivesse á venda em hasta publica d'uma cruz parochial antiquissima da freguezia de Villar de Frades e para que fosse entregue o mesmo objecto a essa corporação a fim de ser collocado no Museu do Carmo como monumento archeologico.

Foram immediatamente solicitadas providencias n'esse sentido ao governador civil de Braga que mandou sustar a referida arrematação e que informou ter a cruz de que se trata um alto valor archeologico conforme a apreciação feita pelo professor de desenho ornamental da escola industrial do districto.

Ora, como os desejos da junta de parochia de Villar de Frades são unicamente alcançar meios para a reparação da igreja do convento em ruinas, foi por este ministerio solicitado ao das obras publicas em officio de 12 de Março findo, que se entabolassem negociações com a mesma junta a fim de mandar-se proceder ás obras necessarias mediante a troca da mencionada cruz.

Por aquella Secretaria d'Estado foi respondido ter sido determinado ao engenheiro director das obras publicas do districto de Braga que enviasse com urgencia o orçamento das obras de que carece a mesma igreja parochial para instrucção do respectivo processo.

Estando, pois, o assumpto de que se trata na dependencia da citada informação, tenho a dizer a V. Ex.^a que, apenas tenha sido obtida resolução pelo Ministerio por onde corre a pretensão d'essa sociedade, ser-lhe-ha immediatamente communicada para os devidos effeitos.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 28 de Abril de 1902. — Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, Dig.^{mo} Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, no Museu do Carmo.

O Con.^{to} D.^{or} Geral, *Abel d'Andrade*.

MUSEUS

CREADOS EM PORTUGAL ATÉ AO FIM DO SECULO XVIII (*)

I

O primeiro museu, que houve em Portugal, data dos principios do seculo XV, e pertenceu a D. Affonso, conde de Ourem, e primeiro duque de Bragança, filho bastardo de el-rei D. João I.

Indo este principe á conquista de Ceuta, no anno de 1415, em companhia de el-rei, seu pae, e dos infantes seus irmãos, rendida a praça ao valor portuguez, os unicos despojos do inimigo, que para si cubiçou, consistiram em varias columnas de marmore e outras pedras com inscripções, que trouxe para o reino como trophéus d'aquella grande victoria.

Esta acquisição desenvolveu n'elle o gôsto das antiguidades. Portanto começou a colligir nas suas viagens, ao principio, simplesmente objectos archeologicos; depois curiosidades diversas e tambem algumas conchas e varios productos mineralogicos.

Tudo o que ia adquirindo collocava em uma sala, para esse fim reservada, dos seus paços da praça do Rocio em Lisboa. Estes paços, situados no lado do norte da praça, occupavam o espaço onde agora vemos a metade oriental do Theatro de D. Maria II, e as casas da rua das Portas de Santo Antão, que lhe ficam

(*) Folhetins do *Commercio do Porto*, 1870, por I. de Vilhena Barbosa.

por detraz; estendendo-se até ás portas da cidade d'aquelle nome, que o terremoto destruiu. Estes paços, apesar dos seus proprietarios serem ao diante elevados a maiores titulos, conservaram a sua denominação de paços do conde de Ourem até que o terremoto do 1.º de novembro de 1755 os reduziu a um montão de ruínas, e o novo plano da cidade os fez desapparecer inteiramente.

Foram muito augmentadas estas collecções no meiado do mesmo seculo pelo filho primogenito do fundador, D. Affonso, conde de Ourem e marquez de Valença. A embaixada de que o encarregou seu tio, el-rei D. Duarte, junto do concilio convocado para Basilêa, e celebrado em Florença; e a missão, que lhe commetteu el-rei D. Affonso V, seu primo, de conduzir a imperatriz D. Leonor, irmã d'este ultimo soberano, aos Estados de seu esposo, o imperador da Allemanha Frederico III, deram-lhe occasião para visitar as principaes côrtes da Europa.

N'estas longas e demoradas viagens, o marquez de Valença, por impulso proprio, ou para satisfazer a recommendação paterna, fez muitas e importantes acquisições para o museu de seu pae, umas compradas por bom dinheiro, outras offerecidas por varios principes.

Este museu foi mudado, ainda pelo seu fundador, dos paços do conde de Ourem para os paços de S. Christovão, na mesma cidade de Lisboa, que estavam proximos da igreja parochial d'aquella invocação, e que eram propriedade do 1.º duque de Bragança. Mais tarde, em vida de D. Fernando 2.º do nome, e 3.º duque de Bragança, foi outra vez mudado o museu para os novos paços dos ditos duques, proximos das portas da cidade denominadas de Santa Catharina. Abi existiu o museu até ser devorado pelas chammas no incendio, que destruiu a maior parte d'aquelles paços por occasião do grande cataclismo de 1755, dos quaes ainda resta uma pequena parte na rua do Thesouro Velho.

II

O segundo museu de que temos noticia foi fundado na cidade de Evora, nos começos do seculo XVII, por Mancel Severim de Faria, chantre da cathedral eborense, e ornamento da littera-

tura patria. Ao principio constava este museu sómente de antiguidades romanas, que era então este o assumpto predilecto dos estudos dos nossos archeologos. Compunha-se, pois, de estatuas e vasos em marmore e em bronze, cippos e lapidas com inscripções, utensilios e objectos de arte em diversos metaes, vasos de vidro e barro, tudo ou quasi tudo achado na provincia do Alemtejo, e um excellente medalheiro, em que se encontravam moedas portuguezas rarissimas, sendo das mais curiosas uma de ouro de el-rei D. Sancho I. A esta collecção de archeologia nacional accrescentou depois o erudito chantre da sé de Evora diversos productos naturaes, e algumas curiosidades.

Depois da morte de Manoel Severim de Faria, passou este museu por muitas mãos, e n'estas passagens foi despojado, não sabemos com certeza em que tempo, mas cremos que no primeiro quartel d'este seculo, de todas as suas antiguidades romanas. Em 1836 já não tinha objecto algum d'esses, excepto no que dizia respeito a numismatica, pois que ainda n'esse anno possuia o medalheiro. Fallecendo em 1846 o proprietario d'este museu, que era um conego da sé de Evora, deixou-o em legado ao snr. conde de Thomar, ao qual os successos politicos d'esse mesmo anno obrigaram a sahir de Portugal. Regressando á patria em 1847, no anno seguinte foi entregue do museu. Do medalheiro apenas restava o armario, em que outr'ora se guardavam as medalhas. E' de crer que se desfizera d'elle o conego, seu ultimo possuidor.

Este museu, que contém bonitas collecções de conchas, mineraes, despojos de animaes, etc., existe no palacio do snr. conde de Thomar, na calçada da Estrella, em Lisboa.

III

Por meados d'esse mesmo seculo XVII deu principio o conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, no seu palacio da Annunciada, em Lisboa, a um museu de antiguidades, curiosidades naturaes e numismatica. Este fidalgo, que, á gloria militar, adquirida na guerra da restauração como general de artilheria, juntou renome nas lettras, publicando, entre outras obras, a historia de Portugal desde a acclamação de el-rei D. João IV até ao fim d'aquella guerra, com o titulo de « Portugal Restaurado », instituiu no seu

palacio, correndo o ultimo quartel do seculo XVII, uma Academia litteraria com a denominação de Academia das Conferencias Eruditas.

Educado n'esta escola, seu filho, o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, continuou com o mesmo gôsto e zêlo que seu pae, o que é rarissimo em Portugal, a augmentar as collecções começadas pelo conde D. Luiz, dando tambem principio e desenvolvimento a outras. Na entrada do seculo XVIII encerrava o vasto palacio da Annunciada um curioso e mui variado museu, um rico medalheiro, uma galeria de quadros, em que se viam, a par de muitos paineis dos célebres mestres das escolas estrangeiras, uma copiosa collecção de obras dos melhores pintores nacionaes, um gabinete de physica, e uma das maiores e mais selectas livrarias, que tem havido no reino, sobretudo em manuscriptos e livros impressos raros.

Progredindo com igual empenho nas palestras litterarias e scientificas, instituidas pelo conde, seu pae, reformou e ampliou no anno de 1717 a Academia das Conferencias Eruditas, organisando-a de modo, que podesse produzir mais uteis resultados para o paiz e mudando-lhe n'essa occasião o nome no de Academia Portugueza. Esta illustre associação, que reuniu no seu gremio os homens mais notaveis em sciencias e lettras, que então viviam em Lisboa, concorrendo ás suas sessões os mais distinctos personagens da côrte de D. João V, bem como os embaixadores estrangeiros; esta associação, pois, fazendo mui frequentado o palacio da Annunciada, foi causa de que se desenvolvesse no pais, e principalmente na capital, o gôsto das collecções archeologicas, de historia natural, numismaticas, artisticas e bibliographicas e por conseguinte o amor d'estes variados generos de estudo.

Da Academia Portugueza nasceu a Academia Real de Historia, creada em 1721 por el-rei D. João V, a instancias do conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, e dos socios mais influentes da primeira d'estas associações. O decreto, que instituiu a Academia Real de Historia, providenciando por differentes maneiras, e até com comminação de penas, para a conservação de todos os monumentos nacionaes e para a acquisição, por meio de compra, de todos os objectos de antiguidade, que se fossem descobrindo em qualquer parte do reino, e em seguida os desvelos da Acade-

mia Real de Historia para o fiel cumprimento d'aquelle decreto, concorreram mais directamente para o desenvolvimento d'aquelle gôsto e amor.

D'est'arte, durante o longo reinado de el-rei D. João V, alguns academicos, muitas outras pessoas estranhas á academia, e até varias corporações religiosas, formaram suas collecções, mais ou menos importantes. As melhores eram as do duque de Cadaval e do Marquez de Abrantes. O primeiro sobrelevava nas collecções de numismatica e de manuscriptos. Esta ultima era preciosissima, sobretudo em relação á historia patria. O segundo possuia, alem de um medalheiro muito apreciavel por varias raridades, copiosas collecções de mineralogia e de outros productos naturaes.

Das casas religiosas citaremos, relativamente a collecções de numismatica, de historia natural, e de instrumentos de physica e de mathematica, o collegio de Santo Antão, dos jesuitas, ao presente hospital de S. José; e o convento de Nossa Senhora das Necessidades, dos congregados de S. Filippe Nery, na actualidade pertença do paço das Necessidades, e habitação de sua magestade el-rei o senhor D. Fernando e do senhor infante D. Augusto.

Infelizmente, veio o terremoto de 1755 anniquilar todo ou quasi todo esse fructo de longas e perseverantes diligencias, colhido á custa de avultadas quantias de dinheiro; e, peor do que isso, veio paralisar um progresso de que o paiz havia de tirar honra e utilidade.

O palacio dos condes da Ericeira, que occupava todo o espaço comprehendido entre as ruas Oriental do Passeio Publico, dos Condes, das Portas de Santo Antão, e o largo da Annunciada, foi derrocado por aquelle cataclismo. N'esta catastrophe e no incendio que se lhe seguiu immediatamente, reduzindo a cinzas tudo quanto escapára ao terremoto, perderam-se todas as collecções, que encerrava aquelle palacio.

IV

A intelligente energia do marquez de Pombal conseguiu levantar Lisboa das suas ruinas em breve espaço de tempo. A sabedoria das suas reformas, cortando muitos abusos inveterados, e assentando em bases mais illustradas a sociedade portugueza, deu á

nação novas e mais vigorosas condições de existencia e de prosperidade. Todavia a riqueza publica padeceu tanto na capital e nas provincias do sul por effeito do terremoto de 1755; os animos ficaram por tanto tempo quebrados, que não bastaram todas aquellas providencias governativas para fazer resuscitar o impulso da iniciativa particular, que havia creado tantas academias scientificas e litterarias, e tão grande numero de collecções relativas ás sciencias, ás letras e ás artes.

O abatimento do espirito publico obrigou, pois, o governo a supprir com a sua propria acção a falta de iniciativa particular.

No plano da reforma da Universidade de Coimbra, posto em execução pelo grande ministro de el-rei D. José I, em 1772, entrou a fundação de um museu de historia natural, que hoje se acha consideravelmente augmentado em todas as collecções antigas, e com uma nova de antiguidades e curiosidades. Foi este o primeiro museu publico que houve no reino.

V

Passados poucos annos foram creados, uns apoz outros com curtos intervallos de tempo, quatro museus: o da Ajuda, o do bispo de Beja, o Maynense e o da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

O da Ajuda foi fundado para estudo e uso particular do principe D. José e do infante D. João, que veio a ser rei, 6.º do nome, filhos da rainha D. Maria I e de el-rei D. Pedro III. Miguel Franzini, homem de muita erudição, que el-rei D. José, nos fins do seu reinado, chamou a Portugal para mestre de seus netos e que era pae do, não menos sabio, Marino Miguel Franzini, ministro da fazenda no reinado da senhora D. Maria II, fallecido ainda não ha muitos annos, foi quem aconselhou a fundação do museu e jardim botanico da Ajuda, para servirem de estudo pratico aos seus reaes discipulos. O jardim estende-se pela frente do paço, então habitado pelos nossos reis, e o museu estava collocado em um pequeno edificio no fundo do jardim. Compunha-se de collecções de zoologia, ornithologia, conchiologia e mineralogia.

Acabada a educação do principe, e mostrando o infante pouca

aptidão e gôsto para o estudo das sciencias naturaes, e tambem porque a familia real mudou de residencia, foi o museu franqueado ao publico.

Este estabelecimento, muito deficiente como museu nacional, sobreludo em uma nação que possuia vastissimas possessões na Africa, Asia e America, não era tão pobre como o teem julgado muitos escriptores, que só o conheceram depois da invasão franceza. O marechal Junot, pouco tempo depois da sua entrada em Lisboa, em 1807, mandou ao museu da Ajuda um naturalista vindo de França por ordem do imperador Napoleão I, expressamente para escolher, separar e encaixotar tudo quanto achasse digno de figurar no museu de Paris. Assim foram enviados para essa capital 400 animaes, 3:000 productos mineralogicos, e um ervario, contendo 2:000 especies de plantas. Esta espoliação tinha sido precedida de outra, feita apressadamente dos objectos mais preciosos ou raros, por ordem do principe regente, na occasião da sua partida para o Brazil. Ainda depois da côrte estar estabelecida no Rio de Janeiro, o mesmo principe mandou ir do museu da Ajuda grande quantidade de productos dos tres reinos da natureza para o museu, que então se creou n'aquella cidade do Brazil. Estas espoliações, portanto, que nunca tiveram restituição, e os consideraveis descaminhos a que deram causa, empobreceram muitissimo o museu da Ajuda.

Depois da restauração da Carta Constitucional e do throno da senhora D. Maria II, foi mudado este museu para o edificio do extincto convento de Nossa Senhora de Jesus, para constituir, juntamente com o Maynense, e o da Academia Real das Sciencias de Lisboa, o museu nacional, ao presente consideravelmente augmentado, e collocado no edificio do Escola Polytechnica.

VI

O museu Maynense foi instituido, no referido convento de Jesus, por frei José Mayne, religioso professo na Terceira Ordem de S. Francisco. Este frade era confessor d'el-rei D. Pedro III, cujas liberalidades o habilitaram para colligir, entre muitos productos naturaes, variados objectos de archeologia, de arte e industria antigas e modernas, e um medalheiro. Por sua morte ficaram estas

collecções ao convento, e depois da extincção d'este, em 1834, foram encorporadas, como acima dissemos, no museu nacional.

VII

O museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa foi creado pela mesma academia pouco tempo depois de ser instituida pela rainha D. Maria I, a instancias e por patriotico impulso do duque de Lafões, D. João de Bragança. Para a organização do museu, e de um bello medalheiro, concorreram, entre outros academicos, o illustrado e zeloso abbade José Correia da Serra, distincto botanico, e que foi o primeiro secretario, que teve a academia. Este museu, o Maynense e o da Ajuda, estiveram reunidos, a cargo e sob a administração d'esta benemerita corporação, até que modernamente foi transferido o museu nacional para o edificio da Escola Polytechnica, e confiado á guarda e superintendencia d'este estabelecimento de instrucção publica, ficando o museu da Academia Real das Sciencias no extincto convento de Jesus.

VIII

O museu do bispo de Beja foi fundado na cidade d'este nome, nos principios do ultimo quartel do seculo passado (18.º), pelo bispo D. frei Manuel do Cenaculo Villas-Boas. Constava de producções naturaes, de objectos de archeologia, e de productos variados de arte e industria, tanto antigos, como modernos. Uma grande parte das antiguidades romanas, que o enriqueciam, foram descobertas nos arredores de Beja, em excavações ordenadas por aquelle sabio e virtuoso prelado. Transferido D. frei Manuel do Cenaculo para a sé archiepiscopal de Evora, levou para essa cidade o seu museu, á excepção das lapidas, cippos e torsos de estatuas mais pesados, que, pela difficuldade do transporte, deixou em Beja. Fundando em uma parte do seu paço archiepiscopal uma bibliotheca publica, collocou junto d'ella e annexou-lhe o seu museu.

Na calamitosa invasão franceza de 1807 a 1808 foi este museu despojado de muitas preciosidades. Todavia ainda actualmente encerra numerosos objectos de muito apreço archeologico e artistico.

A criação d'estes museus fez renascer novamente no paiz o amor do estudo das sciencias naturaes. Assim, pois, n'esse resto do seculo muitos individuos illustrados, em Lisboa e nas provincias, se dedicaram com louvavel zêlo a colligir productos da natureza, antiguidades e curiosidades.

Mencionaremos os mais importantes museus, que então se organisaram.

O do marquez de Angeja, no seu palacio na rua Direita da Junqueira. Foi creado por D. José Xavier de Noronha, 4.º marquez de Angeja e 6.º conde de Villa Verde. Pertence actualmente á snr.ª condessa de Lavradio; e conserva-se no mesmo palacio. Apesar de ter perdido, por deterioração, as suas collecções de aves, insectos e outras, ainda contém muitos objectos interessantes e raros. E' o unico museu de Portugal que possui uma mumia do Egypto.

X

O museu Devisme foi instituido pelo negociante estrangeiro Gerardo Devisme na linda casa de campo, que edificára junto do convento de S. Domingos de Bemfica. Resolvendo deixar o nosso paiz ainda nos fins do seculo passado (18.º), vendeu aquella propriedade e formosa quinta annexa a D. Pedro de Lencastre, 3.º marquez de Abrantes e 9.º conde de Penaguião, o qual augmentou o museu Devisme com o que se podéra salvar das collecções, colligidas por seu pae, o 2.º marquez do mesmo titulo, por occasião do terremoto de 1755. Palacio e quinta, juntamente com o museu, foram vendidos pelos herdeiros d'aquelle fidalgo, em 1834, a S. A. S. a senhora infanta D. Isabel Maria, que ahi estabeleceu a sua residencia. Este museu composto de productos dos tres reinos da natureza, e de antiguidades, curiosidades e artefactos, tem sido augmentado por S. A.

XI

Pelo mesmo tempo em que foi creado o museu Devisme, formaram tambem em Lisboa dois pequenos museus o negociante Adolpho Frederico Lindemberg, e Diogo Ignacio de Pina Manique, 1.º intendente geral da policia da côrte e reino, e pae do 1.º visconde de Manique. O museu Lindemberg achava-se estabelecido

na casa de campo, habitação d'esta familia, a Sete Rios. Ignoramos onde hoje existe. O museu Manique estava na casa de campo da Cruz de Pedra, junto ás barreiras da cidade. Porém, em 1833, por occasião do cêrco de Lisboa, que transformou aquella casa e quinta em posto militar, desapareceram de todo ou quasi inteiramente as collecções que alli se guardavam.

Foram estes os principaes museus creados no reino até ao fim do seculo passado, de que temos noticia, não fallando no da Fundação do Campo de Santa Clara, que consta de armas e modelos de machinas.

Tanto na capital, como nas provincias, houve, n'aquella epocha, varios outros curiosos que colligiram mais ou menos numerosos productos naturaes e alguns objectos archeologicos, mas de importancia inferior ás collecções que deixamos mencionadas.

Progrediu e desenvolveu-se este gôsto no seculo actual, dando origem a varios museus do Estado, e a muitos particulares em Lisboa, no Porto e em outras localidades. Mas não trataremos agora d'esses.



APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

(Contín. do n.º antecedente)

Anno de 1897

Edifícios de conventos extinctos e outros. — *Asylo de Mendicidade do Funchal*. Reparação e alargamento do edificio em que está installado; Port., Jan., 11. — Concessão á camara municipal de Vizeu de uma parte do supprimido «convento de Jesus» para estabelecimento de uma *escola normal* e uma parte da cerca do mesmo convento para prolongamento, alargamento e abertura de ruas; Decr., Jan., 14. — *Associação do Sagrado Coração de Maria*, da cidade de Vizeu. Revogado o decr. de 3 de Dez. de 1894 que lhe concedeu provisoriamente o edificio e cerca do supprimido convento de Jesus da mesma cidade; Decr., Jan., 14. — *Asylo de D. Pedro V da Praia da Victoria*. Concessão de parte da cerca do extincto «convento da Luz» para ampliação do mesmo asylo; Decr., Jan., 21. — Concessão provisoria á junta de parochia de S. Sebastião da cidade de Lagos do edificio e igreja em ruínas do extincto «convento de N. S.ª da Gloria» para fundação de um *asylo de mendicidade*; Dec., Fev., 4. — *Confraria de Nossa Senhora das Dóres da cidade de Beja*. Concessão provisoria da igreja, edificio e pertenças do «convento de N. S.ª da Esperança» da mesma cidade; Dec., Fev., 4. — Junta de parochia de S. Sebastião da cidade de Lagos. Concessão provisoria do edificio e igreja do extincto «convento de N. S.ª da Gloria» para fundação de um *asylo albergue de mendigos*; Decr., Fev., 4. — *Real Casa de N. S.ª da Nazareth*. Regulam.; Decr., Abril, 8. — *Real Confra-*

ria da Rainha Santa Izabel de Coimbra. Concessão provisoria de diversas casas do edificio do supprimido « convento de Santa Clara » da mesma cidade ; Decr., Junho, 30. — *Associação auxiliar das missões ultramarinas.* Concessão da parte disponivel do edificio e suas dependencias do supprimido « convento de Santa Clara de Coimbra » ; Decr., Julho, 21. — *Hospital de velhos e entrevados. Asylo de N. S.^a da Caridade de Vianna do Castello.* Concessão de uma parte da cerca do supprimido « convento de Sant'Anna » d'aquella cidade ; Decr., Julho, 21. — *Real Ordem 5.^a de S. Francisco de Vianna do Castello.* Concessão de uma parte da cerca do supprimido « convento de Sant'Anna » da mesma cidade ; Decr., Julho, 21. — O decreto de 12 de Agosto negou auctorisação á camara municipal e á misericordia de Vianna do Castello para fazerem entre si permuta do edificio e da cerca do supprimido « convento das Chagas Ursulinas » que respectivamente lhes haviam sido concedidos. Nova concessão da igreja e pertenças do mesmo convento. — *Associação protectora de meninas pobres.* Confirmada e tornada definitiva a concessão provisoria do uso de parte do « convento do Santissimo Sacramento de Lisboa », igreja e respectivas alfaias ; Lei, Set., 17. — Commissão para administrar os bens e rendimentos da capella do Senhor da Serra, pertencente ao supprimido « convento de N. S.^a da Assumpção de Semide » ; Decr., Set., 25. Foi dissolvida por Decr. de 23, Dez. — Concessão provisoria á junta de parochia da freg. de Semide da igreja do supprimido « convento de N. S.^a da Assumpção » com suas dependencias ; Decr., Set., 25. — *Real Confraria de Santo Antonio de Vizeu :* concessão da igreja e mais pertenças do supprimido « convento de Jesus » d'aquella cidade ; Decr., Dez., 9.

Operarios. — Crise de trabalho, etc. — Dec., Fev., 25, Abril, 8, Out., 8. — Segurança dos operarios nos trabalhos de construcções civis. Esclarecimento de duvidas sobre a execução do respectivo regulamento ; Port., Junho, 28.

Obras publicas. — Caminho de ferro da Regua a Chaves e á fronteira : concessão provisoria para a sua construcção ; Decr., 1, Abril ; — Pontes metallicas. Regulam. para provas e vigilancia ; Decr., 1, Fev. ; — Commissão para examinar os projectos que haja elaborados relativamente a edificios publicos que

possam ser applicados aos serviços do estado ; Port., 5, Abril ; — Manutenção militar : plano geral de organização ; Decr., 11, Junho : — *Caes acostavel*, no rio Douro : concurso para a sua construção e exploração : Decr., 21, Julho ; — O decr. de 21 de Julho mandou reunir á direcção especial de estudos e fornecimento de materiaes o estudo, construção e reparação de edificios publicos. — Determinou-se que todos os trabalhos de estudos, construção e reparação de edificios publicos ficassem dependentes da direcção de edificios publicos e fornecimento de materiaes ; Decr., 4, Agosto ; — *Fortificações e praças de guerra* : nova classificação ; etc. Lei, 13, Set. — A lei de 16 de Set. auctorizou o governo a ceder gratuitamente á camara do Funchal o campo da Barca com os seus restos de muralhas de defeza e bombardeiras, os restos do forte de S. João nas Fontes, e os restos do forte da Penha. — *Empreitadas* : auctorisação ao governo para dar de empreitada conjuncta ou separadamente diversas obras ; Lei, 20, Set. — Comissão encarregada de elaborar os cadernos de encargos e programmas especiaes de concursos para se poder promover a adjudicação de algumas empreitadas nos termos da lei de 20 de Set. ultimo ; Port., 4, Out ; — Pela portaria de 4 de Nov. foi regulada a forma por que devia proceder-se ás diversas obras de que careciam os edificios na posse do estado e que tinham de ser executadas pela direcção de edificios publicos e fornecimento de materiaes. — Emissor e collectores principaes e secundarios do projecto de exgotos e *saneamento de Lisboa*. Concurso para a construção ; Decr., 5, Nov. — Obra dos exgotos e *saneamento da cidade de Coimbra*. concurso para a empreitada ; Decr., 18, Nov.

(*Continua*)

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno»
de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 9, t. ix, pag. 48)

Sardoal — villa e concelho. — Sepulturas com inscripções na egreja do mosteiro de *N. Sr.ª da Caridade*. — *As Misericordias* pelo sr. Costa Goodolphim; *Domingo illust.*, 4.º vol.; *O Seculo* n.º 6341, 1899.

Sarrazolla ou **Serrazolla e Sêda** — villa, conc. de Alter do Chão. — Restos do castello, que tinha o nome de *Arminho*. — Ponte de *Villa Formosa*, da antiga *Via Adriana*. — Na parede exterior da egreja de *N. Sr.ª d'Entre Aguas*, junto á villa de Benavilla, conc. de Aviz, está uma lapida com inscripção que é custosa de decifrar. — *Archivo historico*, vol. i.

Sarzêdas — villa, conc. de Castello Branco. — Ruínas de um castello do tempo de D. Diniz. — *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 185; *Hist. do rein. d'el-rei D. José* por S. J. da Luz Soriano, 1.º vol.

Sebal-Grande — freg. conc. de Condeixa a Nova. — Por estes sitios teem apparecido moedas romanas. Ruínas de grandes edificios. — A egreja matriz tem boa architectura e excellentes esculpturas.

Semêlhe — freg., conc. de Braga. — Restos de edificios romanos e varias medalhas dos imperadores Tiberio e Nero se encontraram ha annos na quinta de *Real Novo da Veiga de Sandarão*. — *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 61.

Sendim ou **Sindim** — villa, conc. de Taboão. — «Castellos dos Cabriz.» — Dez tumulos abertos na rocha (almocabar) junto á egreja matriz que é de architectura dorica e parece que primitivamente foi mesquita. Tambem ha sepulturas cavadas na rocha no *Cabeço dos Baganhos*, no *Cabeço dos Mouros*, no *Cabeço dos Baguinhos* e no *Cabeço de S. João*. — Porticos de architectura romana com fecho de laçaria, e um pelicano ao centro, na egreja matriz, lado S. Ao meio da frontaria está uma figura de capacete na cabeça. — Primoroso cruzeiro de pedra. — Vestigios de uma antiquissima povoação no *Valle da Villa*.

Senhora da Estrella (Sanctuario da) — termo da villa de Marvão. — O portico do templo é de estylo gothico. Sacrario de marmore e monolitho, representando uma urna antiga.

Sernancelhe — villa e concelho. — Castello arruinado. Encontrou-se aqui uma medalha d'ouro do tempo dos imperadores de Roma. Restos de uma via militar romana. — *Domingo illust.*, 4.º vol.

Serpa — villa e concelho. — Vestigios de um castello; muralhas desmanteladas. — Em 1696 foi encontrado n'esta villa um cippo com inscripção romana. — *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Memoria historico economica do concelho de Serpa* pelo sr. dr. José Maria da Graça Afreixo (Coimbra, 1884); *Descripção da villa de Moura e da de Serpa* por Fr. Diogo Vaz Pascoal (ms. da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, x, 131, 4); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Besende (Evora, 1593) fl. 176; *Archeologo Port.*, t. I, n.º 1, pag. 18, VII, 175; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 158, 165; *A tradição*, revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada, public. em Serpa sob. a direcção dos srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, tendo como collaboradores a sr.ª D. Sophia da Silva e os srs. Conde de Ficalho, Fazenda Junior, Antonio Alexandrino, Alberto Pimentel, e outros; *Novo almanach de lembr. luso - bras.*, 1875, pag. 190; *Hist. de Port.* de P. Chagas, vol. III, pag. 636, 3.ª ed.; *Viagens á roda do cod. adm.* pelo sr. Alberto Pimentel; «Elogio do Conde de Ficalho» pelo sr. Conde d'Arnoso (*Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, Maio, 1903.).

Serra da Estrella — Inscripção na pyramide do *Malhão da Estrella*, construida por ordem de D. João VI, pyramide que o povo chama *Torre da Estrella* e que é um marco geodesico. — Na freg. de *Alcôco da Serra* em uma quinta do sr. Antonio L. Monteiro Pina, appareceu em 1887 uma pia de granito contendo cerca de mil denarios romanos de prata. Um delles, verdadeira raridade numismatica, foi offerecido para o « Museu Municipal do Porto » pelo sr. abbade de Miragaya, P. A. Ferreira. — Teem alli apparecido depois outras antiguidades romanas. — Gruta prox. da *Nave da Candieira*. — *Covão do Boi* junto do *Cantaro Raso*: «semelha as ruínas d'um templo subterraneo ou catacumba que perdesse o tecto, pois, sendo liso o vão dos outros covões, no vão d'este erguem-se differentes monolithos sobrepostos e ajustados em fórma de *menhirs*, imitando as columnas que dividem as naves e sustentam o tecto dos nossos templos. As ditas columnas teem fórmas variadas; recordam os monumentos megalithicos, prehistoricos, da idade da pedra e demandam estudo. Uma d'ellas imita um dente queixal enorme com as raizes

voltadas para o firmamento; outra, a que olha para a *Rua dos Mercadores* e *Cantaro Magro*, é formada por dois grandes penedos sobrepostos, tendo na face em que se ajustam, como servindo de cunha para equilibrio do penedo superior, uma grande lasca de granito, que parece um lagarto enorme petrificado, que alli ficou entalado.» — *Cabeço do Frade* e *Cabeço da Freira*: assim denominados, porque, vistos de longe, parecem dois frades. — Bracelete de oiro que ha annos um traballhador encontrou junto do *Curral do Martins* e que vendeu por mais de 100 moedas. — Vestigios de povoação antiquissima em Nogueira, a montante da villa de Ceia: chapa d'ouro com a letra *M.* — Em Torrozello achou-se um botão de prata maior do que um pinto (480 réis) com um leão, um caçador e uma lebre na carreira. — No castro ou cabeço de *Alfatima*, uma bengala e cadeia, ambas de prata. — Em Folgoso, junto das *Fragas do Avento*, cinco braceletes de ouro achados ha alguns annos por um carvoeiro, dois dos quaes estão gravados no *Relatorio d'archeologia da Expedição Scientifica á Serra da Estrella*. — Em 1880, mais dois braceletes de ouro, em *Pena Lobo*, dentro da serra. — No *Castro dos tres Povos*, moedas d'ouro muito antigas. — Em *Gibraltar*, perto de Teixoso, 11 tijelões, 15 tijelas de prata, e argolas de ouro encadeadas. — Na Fonte da *Pena Lisa*, uma barra d'ouro que pesava 60 libras, 270\$000 réis. — Junto de *Castello Reigoso* uma meada de fio de ouro. — *Expedição scientifica á serra da Estrella em 1881* (secções de archeologia e ethnographia) — relatorios dos srs. Luiz Feliciano Marrecas Ferreira e dr. Francisco Martins Sarmento; *Quatro dias na serra da Estrella* pelo sr. Emygdio Navarro; *A serra da Estrella* pelo sr. Adelino de Abreu (1895); *Dissertações chronologicas e criticas* por João Pedro Ribeiro, 1; *Memorias historicas, corographicas, etc.* por Henriques Secco: *Panorama photographico de Portugal*, vol. iv. (1874); *Notic. archeol. de Portugal* pelo dr. Hubner; *Apontamentos archeologicos* pelo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão no *Boletim da Real Associação dos Arch. e Archeol. Portug.* (1876) pag. 152; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593) fl. 42; *Portugal e os Estrangeiros*, t. 1, pag. 392 e 395; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 112; «Quinze dias na serra da Estrella» por Eduardo Coelho (*Diario de Noticias* n.º 5589 e seg. de 1881); *As alagoas da serra da Estrella* por Alexandre de Abreu Castanheira (Lisboa, 1836); *Arch. Pitt.*, iv, 222, 309; *Cartas da serra da Estrella* (*A' volta do mundo*, jornal de viagens, 1880, pag. 326, 341, 365, 379); *Portugal* por M. Ferd. Denis; *A handbook for travellers in Portugal*; «Sousa Martins e a serra da Estrella» pelo sr. Mendes dos Remedios (Vizeu, 1898); «Apontamentos de uma visita á serra da Estrella

no mez de agosto de 1875 » por Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa (Lisboa, 1875); « Vestigios glaciaes na serra da Estrella. Rochas striadas, penedos erraticos » por Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral (Lisboa, 1884); « Memoria e estudo chimico sobre as aguas mineraes e potaveis de Unhaes da Serra » pelo dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva com *Breves noções chorographicas* de Joaquim Ferreira Moutinho; « A 1441 m. de altitude » por Cael (Brinde do *Diario de Noticias* em 1889); Folhetins do *Diario de Noticias*, n.º 10:963 e 10:967 (junho, 1896): Unhaes da Serra, pelo sr. dr. Alfredo da Cunha; Folhet. do *Diario de Noticias* n.º 12:523 e segs. (Outubro, 1900) pelo rev. padre Senna Freitas; O jornal *Unhaes da Serra* de que foi redactor José Germano da Cunha em 1900; *Viriatho*, narrativa epo-historica pelo sr. dr. Theophilo Braga (Porto, 1903.).

Serradello — aldeia, freg. de S. João Baptista da Raiva, conc. de Castello de Paiva. — Grande numero de mamoas prox. á povoação, no *Monte Grande*.

Serra d'El-Rei — freg., conc. de Peniche. — Ruinas de paços reaes, mandados fazer por D. Pedro I, na aldeia da *Matta d'El-Rei*.

Seteães — no caminho de Collares, entre a estrada dos Pisões e a quinta da Penha Verde, fund. por D. João de Castro, 4.º vice-rei da India. — Palacio do marquez de Marialva: arco triumphal com os bustos de D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina; inscripção. (Veja **Cintra**) — *Lord Byron em Portugal* pelo sr. Alberto Telles; *Lisboa n'outros tempos* pelo sr. Pinto de Carvalho, vol. 2.º, pag. 282.

Setubal — cidade. — Torre de S. Thiago do Outão — Castello de S. Filippe. — Forte de Albarquel e outras fortificações. — Portico da igreja de S. Julião. — Paço do Duque d'Aveiro, onde agora está um hotel. — Convento de Jesus, cuja construcção foi delineada pelo architecto Boylaca: a igreja é toda de marmore da Arrabida; bellos azulejos; sepulturas. Notavel cruzeiro de marmore da Arrabida. — Inscriptões, em portuguez, nas paredes, á entrada da igreja da Misericordia. — Portico e inscripção latina da Gafaria, na estrada de S. João. — Inscriptão em portuguez sobre o portico do baluarte de N. Sr.ª da Conceição (quartel de caçadores). Outra sobre a porta que está por baixo da varanda da casa da camara. — O pelourinho na praça de S. Pedro tem 4 inscripções. A ponte do Livramento tem duas. — Quatro cabeças de pedra na esquina da travessa das Amoreiras, d'onde em 1490 dispararam tiros a D. João II. — Lapida commemorativa na casa onde se supõe que nasceu o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage. Monumento a este poeta na praça do Bocage. (Inscriptão e quadras poeticas nas quatro faces do pedestal.) — Hospicio de

missionarios apostolicos em Brancane fund. por fr. Antonio das Chagas em 1682. — Inscrições no aqueducto da *Horta do Vigario*, no *Corpo de Guarda*, e na fonte de S. Caetano. — *Noticia dos monumentos nacionaes e edificios e logaes notaveis do concelho de Setubal* pelo sr. Manuel Maria Portella; *Monumentos de Portugal* por Ignacio de Vilhena Barbosa; *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal* pelo sr. Alberto Augusto d'Almeida Pimentel; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; O meu fallecido amigo João Carlos d'Almeida Carvalho deixou manuscriptos sobre a *historia de Setubal desde os tempos prehistoricos até á epocha actual*; obra que pode abranger um grande numero de volumes. — *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Arte portugueza* (1895); *Descripção de alguns silex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado* (1871); *Annotações ao capitulo sobre Setubal no «Portugal antigo e moderno»* pelo sr. M. M. Portella (Setubal, 1895); *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 325 dos *Estudos historicos e archeologicos*, t. II; *Varias antiguidades de Portugal* por Gaspar Estação; *Relatorio da commissão dos mon. nac. em 1884*; *Mém. de l'archéol. sur la vérit. signif. des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*; *Recordações de uma missão archeologica — Montemor o Novo, Setubal, Alcacer do Sal*, por A. F. Simões no jornal *A Arte*, 1879, pag. 34, 54; *Igreja parochial de S. Julião* (*Mon. hist. artist. e archeol.*, pag. 497); *Pelourinhos* por I. de V. Barbosa nos seus *Estudos historicos e archeol.* t. I, pag. 269; *Artes e artistas em Portugal* pelo sr. dr. Sousa Viterbo, pag. 55; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593) fl. 198; *Setubal e as suas muralhas* por João C. d'Almeida Carvalho (*Revolução de Setembro*, n.º 3792, 1854); *Boletim da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, t. III, pag. 170; *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin*, vol. II, 8, supp. 803; *Panorama*, 1842, pag. 113; 1853, pag. 33, 57; *A prophécia ou a edificação do mosteiro de Jesus: chronica setubalense* por Henrique Augusto da Cunha Soares Freire (Lisboa, 1864); *Brancane* (*Occidente*, vol. III, pag. 159); *Convento de Jesus* (*Occidente*, vol. IV, pag. 211, 228, 236 e 252); *Torre de S. Thiago do Outão* (*Occidente*, XII, 210); *O Archeologo Português*, vol. II, n.º 1; *O culto da arte em Portugal* pelo sr. R. Ortigão, pag. 71, 128; *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, pag. 443; *Revista illustrada*, 1890, pag. 143; *A sociedade archeologica lusitana*, art. de João Carlos d'Almeida Carvalho no *Boletim da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, 1896, n.º 5, 6 e 7 (Public. em folheto); *Porta lateral da egreja de S. Julião* (*Jornal das bellas-artes*, 1843); *Almanach Pathares para 1901: Archeol. Port.*, t.

1, n.º 12, pag. 338; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe de Figueiredo, pag. 219; Paços do Concelho, Convento de Jesus, Portico da antiga Gafaria, Estatua antiga achada na Troia (Cetobriga), etc. (*Arch. Pitt.*, III, IV, VIII); Pedra furada, Porta principal da egreja parochial de S. Julião, Castello de S. Filippe, (*Arch. Pittor.*, x, XI); Descrição economica... por Thomás Antonio Villa Nova Portugal (Mem. Econ. da Academia, t. III,); *Portugal de cabelleira* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 217; Castello do Outão, Mosteiro e serra da Arrabida, Convento de Jesus (*Occidente*, vol. XXXIII, pag. 128, 157, 160); *Portugal* por M. Ferd. Denis; «Novo alm. de lembranças luso-bras.», 1884, pag. 205, 1898, 314; *Portugal de relance* por M.^{me} Rattazzi (trad.); «Guia pratica del viajero espanol en Lisboa» etc.; «Memoria sobre medalhas e condecorações portuguezas» por M. B. Lopes Fernandes, pag. 100; *Indice parlamentar*, pelo sr. A. T. d'Albuquerque, 100, 134; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de S. Domingos* 3.^a parte, vol. IV, 4.^a parte, vol. V; *Branco e Negro* n.º 2 e 3 (1896); «Roteiro da cidade de Setubal» por J. M. da R. Albino (Elvas, 1892); *Mestre Gil* (romance publicado no *Panorama*, vol. 2.º da 1.ª série); Branc' Annes (*O principé perfeito*, por Oliveira Martins, pag. 14); Na torre do Outão (*Branco e Negro* n.º 13); *Pulpito da Igreja de Jesus em Setubal*. Projecto de um museu archeologico em Setubal pelo sr. Manuel Maria Portella (*Archeol. Portug.*, vol. III, n.ºs 3 e 4); *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 65; *Elem. para a hist. do municipio de Lisboa* pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira, t. IX, pag. 256, 413; *Hist. de Port. de Pinh. Chagas*, 3.ª ed., vol. III, 623, 625, 636; VI, 610, 612; Estatua de Bocage (*Artes e lettras*, II, 132); Estudos sobre Troia de Setubal pelo sr. Arronches Junqueiro (*Archeol. Portug.*, V, n.º 1); *Travels in Portugal* por James Murphy; Theatro D. Amelia (*O Seculo* n.º 5386); *Occidente*, vol. XXV; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt.; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; «Almanach illustr. da parceria A. M. Pereira» (1902); *O domingo illustr.*, 4.º vol.; Lampada de bronze encontrada em Cetobriga (*Arch. Pitt.*, III); Cetobriga (*Bolet. da R. A. dos Arch. e Archeol. Port.*, VII, pag. 10, 70, 82); *Archeol. Portug.*, III, n.ºs 9 a 11 pag. 257 a 265, n.º 12, pag. 296, VII, 18, 146, 176; *A arte e a natureza em Portugal*, fasc. n.ºs 30 e 34.

Silva — freg., conc. de Miranda do Douro. — Restos de um antigo castello, de fôrma circular. *Fieis de Deus*, monte de fôrma conica, no logar da *Modorra*.

Silves — cidade — Castello e muralhas. — Alicerces de edificios mouriscos. — *Torre de N. Sr.ª da Rocha* — *Cruz de Portugal* de marmore branco: tem a imagem de Jesus Christo em relevo. —

A igreja matriz foi mesquita maior dos mouros: tumulos nas capellas lateraes. « Na margem direita do rio de Silves, entre a cidade e Portimão, vê-se na base da encosta uma pequena gruta denominada *Velha das castanhas*. — *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Relat. acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Panorama*, 1842, pag. 209; *Mem. ecclesiasticas do reino do Algarve* por Fr. Vicente Salgado, t. I, 76, 260, 302; *Antiguidades monumentaes do Algarve* por Estacio da Veiga; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593), fl. 181; « *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* » por Haupt, 2.º vol.; *Archeol. Port.* II, n.ºs 8 e 9; VII, pag. 122; *Portugal* por M. Ferd. Denis; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; « *Mem. sobre a pop. e a agric. em Portugal* » por L. A. Rebello da Silva; *Mémoire sur le royaume de l'Algarve*, contenant la description des montagnes, des sources de cours d'eau, des villes, etc. ainsi qu'une esquisse historique de cette contrée par Charles Bonnet (*Hist. e Mem. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, 2.ª série, t. II, parte 2.ª); *Os luso-arabes* (scenas da vida musulmana no nosso pais) pelo sr. Oliveira Parreira; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed. vol. I, pag. 559.

Sines — villa, conc. de S. Thiago de Cacem. — Fortificações — Pedestal do antigo pelourinho. — Inscricção no frontispicio da ermida de N. Sr.ª das Sallas, reedificada por Vasco da Gama. — *Breve noticia de Sines, patria de Vasco da Gama* por Francisco Luiz Lopes (Lisboa, 1850); *Corpus - Inscript. Hisp. Latin.*, vol. II, 5 e 6; *Archeol. Portug.*, vol. I, n.º 12; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593), fl. 222; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., vol. III, pag. 619, 621; *Monum. architect. e litter. em honra da Mãe de Deus* (*Hist. do culto de N. Sr.ª em Portugal* pelo sr. Alberto Pimentel); *O Seculo* n.º 5266, 13-IX-96; *Alman. Bertrand*, (1900), pag. 228 e segg., *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim; *Occidente*, XXI, 100; *Mala da Europa*, IV, n.º 120.

Soajo (Serra de) — Um passeio archeologico no concelho dos Arcos de Valdevez (Visita ás antas da serra de Soajo) Estudos do Alto Minho, pelo sr. dr. Felix Alves Pereira, 1903.

Sobrado de Paiva — villa, conc. de Castello de Paiva. — A capella de N. Sr.ª da Piedade foi mesquita arabe e primeiramente templo romano.

Sortelha — villa, conc. do Sabugal. — Ruinas de um castello de construcção romana (?). — *Domingo illustrado*, 4.º vol.

Sorval — freg., conc. de Pinhel. — *Sanctuario de N. Sr.ª das Fontes*, cuja igreja é semelhante á da igreja da serra do Pilar: cruz de madeira feita por um pastor do Jarmello; é de engenhosa

construção. Outra cruz muito notavel, no topo da frente da capella da Senhora; é de granito, com rendilhados. Inscrição em portuguez, debaixo do côro.

Soure — villa e concelho. — Ruínas de um castello romano, dado aos templarios pela rainha D. Thereza. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa está uma ara com inscrição romana, que foi aqui achada. — *Apontamentos ácerca da villa de Soure* por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco; *Not. archeol. de Portugal* pelo dr. Hübner; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Portugalia*, t. 1, fasc. 2.º, pag. 263,; *Hist. de Port. de Pinh.* Chagas, vol. 11, pag. 636; *Rainhas de Portugal* pelo sr. F. F. Benevides, t. 1, pag. 77; Estação neolithica do Forno da Cal na Vinha da Rainha (Mem. sobre a antiguidade pelo sr. dr. A. dos Santos Rocha); *Apontamentos ácerca da muito antiga villa de Soure* por José S. Pereira (*Instituto de 1874*); *A handbook for travellers in Portugal*; *Corpus. - Inscip. Hisp. Lusit.* vol. 11, 36, 39; *Mem. hist. corog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Apontamentos de geologia agricola* pelo sr. Filippe Eduardo de Almeida Figueiredo, pag. 80; *O Seculo* de 1 novembro, 1903.

Souro Pires ou **Soro Pires** — freg., conc. de Pinhel. — Edif. antiquissimo de cantaria, com duas torres e dous andares, em cada um dos quaes ha duas grandes janellas quadradas, que teem em roda florões e ornatos e ao centro, para sustentar a verga, uma columna de marmore branco, com bases e capiteis de marmore preto.

Sousa, rio. — No monte de S. Roque, passando a ponte que está sobre este rio e junto á planicie da Avelleda, está um tumulo com inscrição em portuguez. — *Monumentos cyclopicos* nas margens d'este rio. — *Monte e Castello*. — Penedo oscillante. — *Pedras gamellas*.

Soutello — freg., conc. de Villa Verde. — Figuras de pedra de boa esculptura sobre o muro do adro da egreja matriz. Cruzeiro com as estatuas dos quatro Evangelistas. — *O Minho Pittoresco*, t. 1, 412; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. 1; Estatueta romana de Soutello, Habitação (*Portugalia* — Mat. para o estudo do povo portuguez, 1.º fase., t. 1.

Taboço — villa e concelho. — Egreja matriz de architectura toscana; capella mór construida no sec. xii; corpo da egreja construido no sec. xvi. — Teem apparecido moedas romanas de prata e cobre, outros objectos e vestigios de antiquissimas construcções junto á ermida de S. Vicente. — Paços do concelho, de architectura normando-gothica — Egreja de N. Sr.ª do Sabroso (*Occidente*, - xxi, pag. 21); *Indice parlamentar* pelo sr. A. de Albuquerque pag. 100; *Mala da Europa*, v, n.º 167.

Taboadello — freg., conc. de Guimarães. — Perto da freg. da Polvoreira, onde ha um dolmen, teem apparecido sepulturas antiquissimas, cavadas na rocha. — *O Minho Pittoresco*, t. 1, 634.

Tagilde — freg., conc. de Guimarães -- Cruz de prata de muito valor archeologico e artistico: « é ornada de varios labores e no centro e nas extremidades dos braços tem pequenos medalhões, sobrepostos, representando em relevo, uns, varios animaes fabulosos, e outros, figuras de santos. » — *Tagilde* pelo abbade Oliveira Guimarães (Porto, 1894); *O Minho Pittoresco*, t. 1, 641; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. 1.

Taipas — povoação na freg. de S. Thomé de Caldellas, conc. de Guimarães. — Inscriptões romanas encontradas no principio do sec. XVIII. — Ara de Trajano, em um penedo de granito porphiroide, com inscripções em portuguez, sendo uma d'estas traducção de outras em latim. — *Thermas romanas, os banhos velhos*. — *Noticia topographica das Caldas das Taipas no concelho de Guimarães* pelo dr. José Joaquim da S.^a Pereira Caldas (Braga, 1854); *Banhos das Taipas* (Arch. Pitt., VIII, 244); *Legenda explicativa da planta ichnographica das Caldas das Taipas* por Cesario Augusto Pinto no *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1875, pag. 76; *O Minho Pittoresco*, t. 1, 624, 626.

Talha — freg., conc. dos Oliveaes. — Sepulturas por baixo da capella mór da egreja matriz.

Tanega — rio — E' atravessado pela ponte do Cavez, mandada construir no sec. XIII. Marco de pedra com inscripção, no meio d'esta ponte. — *Panorama*, 1843, pag. 33; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593); *Portugal Pittoresco*, t. III, pag. 403.

Tarouca (S. João de) — freg., conc. de Mondim. — Em Burgo, hoje S. João de Tarouca, está na egreja do convento a sepultura do infante D. Pedro, filho d'el-rei D. Diniz. Sobre a porta do claustro ha uma inscripção em portuguez — *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.^a ed., vol. 1, pag. 429, 442.

Tavares ou **Chans de Tavares** ou **Villa das Chans** — villa, conc. de Mangualde. — Sanctuario de N. Sr.^a do Bom Successo, na aldeia de Guimaraninhos. Sepulturas de pedra, grande alicerce de uma muralha e vestigios de alguns edificios no monte onde está a ermida.

Tavira — cidade. — Castello do tempo dos romanos, reparado por el-rei D. Diniz. Inscriptões lapidares. — Necropole romana encontrada n'uma propriedade do sr. Francisco Simões da Cunha. — Em 1840 tinham sidô achadas na serra de Tavira muitas medalhas de prata, do tamanho dos antigos tostões, com bustos,

em relevo, de varios imperadores romanos, da primeira epocha do imperio. — Na quinta da Trindade, freg. da Luz, d'este conc., teem apparecido tambem antiguidades: uma ara com inscripção grega; sepulturas, com inscripções latinas, etc. No sitio das *Antas*, na mesma freg., descobriram-se em 1877, na propriedade do sr. Mendonça e Mello, lapidas com inscripções, columnas, bases, capiteis, vestigios de porticos, ladrilhos, mosaicos de figuras hexagonas e uma galeria ainda obstruida. — Na *Torre d'Ares*, no *Paúl* e em *Marnis* teem-se encontrado tambem antiguidades romanas e arabes. — Varios objectos romanos, achados em Tavira, alguns dos quaes pertenciam ao circo da antiga *Balsa*, foram offerecidos em 1878 á Real Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug. pelo socio Francisco Raphael da Paz Furtado. — A egreja matriz era mesquita maior dos mouros: mausoléo que D. Paio Peres Correia mandou ali erigir, Lapida commemorativa do feito que deu logar a esta resolução. Sepultura do mesmo D. Paio Peres no altar mór, lado do Evangelho. Outra sepultura á entrada da capella mór. — *Relat. sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira* pelo dr. A. C. Teixeira de Aragão (Lisboa, 1868); *As cidades e villas* por V. Barbosa; *Not. arch. de Portugal* pelo dr. Hübner; Monumentos de Balsa (*Revista archeologica*, I, n.º 3); *Povos balsenses, sua situação geographico-phisica indicada por dous monumentos romanos* por S. P. M. Estacio da Veiga. (Lisboa, 1866); *Lithologia Lusitana*, ó memorias de las inscripciones y de otros monumentos, los cuales dan noticia de muchas antigüedades que acaecieron antes de las conquistas del mismo reyno sobre los arabes (Bibl. Acad. Matr. C. 166); *Corpus-Inscrip. Hisp. Latin.* pelo dr. Hübner, vol. II, 4, 691; supp., 785, 787; *Revista archeologica*, pag. 1028; *Artes e artistas em Portugal* pelo sr. dr. Sousa Viterbo, pag. 66 e 69; Egreja de S. Francisco de Tavira. Baixo relevo encontrado na quinta da Torre d'Ares, pelo sr. Brito Rebello (*Occidente*, vol. IV, pag. 171, 179, 190); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593) fl. 180; *Archeol. Portug.*, n.º 7, pag. 177, t. I, n.º 2, 6 e 7, t. II, n.º 12, pag. 297, III; *Archivo pittoresco*, XI; *Portugal Pittoresco*, IV, 241; *A handbook for travellers in Portugal; A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 198; *O Seculo* n.º 6342, 25-3-900; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; Egreja de S. Francisco (*Occidente*, IV, pag. 172); *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., III, 636, VI, 632, VII, 8, 597; *Indice parlamentar* pelo sr. A. T. d'Albuquerque, 89; *As Misericordias* pelo sr. C. Goodolphim.

(Continua)